



Ὁ Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ἰωσήφ

HOMILIA

Domingo de todos os Santos



Com este domingo, a Igreja encerra o período de ressurreição chamado Πεντηκοστήριον, inaugurado com a celebração da Páscoa da Ressurreição. Precedeu-o a grande festa de Pentecostes, da qual toma seu nome o período litúrgico e, posteriormente, a do Espírito Santo. Hoje, então, este período tão especial é concluído com a comemoração de todos os santos, do princípio ao fim dos séculos, conhecidos ou não, em todas as latitudes do universo.

Assim, pois, ao comemorar os santos - «*frutos vivos do Espírito*», «*habitantes do Reino*», «*receptores do Apocalipse*» e «*ecos do Verbo*» - a Igreja quer significar a **universalidade**, a **globalidade** e a **plenitude** do «Reino» e de sua execução que é a divina Providência, enquanto **condescendência** do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

A Festa de hoje faz referência a esse caráter *escatológico* do «Reino» que muitos o pregam extraindo-lhe seu significado mais natural - e profundo - limitando-o apenas às últimas coisas. O caráter escatológico da Divina Providência - da Divina Economia - refere-se primeiro à «**plenitude**», «**integridade**» e «**completude**» do arcano desígnio de Deus para toda a humanidade, desde o início da própria criação, até o tempo presente e estendendo-se pelos séculos dos séculos.

Desta maneira, na Tradição Ortodoxa, a «*escatologia*» não é uma seção da teologia que se ocupa do «*mais além*», ou das «*últimas coisas*», do fim do mundo, mas com a ação de Deus em uma sequência espaço-temporal

integral, onde a temporalidade e a espacialidade necessariamente se encontram com a eternidade, enquanto decantam e se resumem nesta última.

A comemoração de todos os santos faz, pois, referência a essa integralidade, a essa plenitude executada imperiosamente nos seres lógicos através de sua auto soberania que vem identificar - voluntariamente, é claro - com a Soberania do *Pantocrator* sobre todas as coisas, os seres, os tempos e todo o criado.

Santidade, então, nesta chave de leitura, é essa **execução-realização** do plano divino naquelas pessoas que se desprendem de si mesmas através do exercício espiritual, se fazem receptoras da ação divina em todas as suas possibilidades e identificam sua própria vontade com a do próprio Criador.

Este **desapego-desafeição** como condição para a santidade é referido na perícope evangélica de hoje: as palavras do Cristo-Messias são absolutas e graves; a proposta é entendida como um desafio árduo e complexo; o convite-exortação - é, portanto, o critério básico, o argumento essencial - e indeclinável – para alcançar essa identificação com o Arquétipo.

O Evangelho refere-se a um caminho de perfeição que pressupõe o exercício espiritual para «esvaziar» o *nous*-espírito-mente de tudo o que não é essencial de acordo com uma nova e totalmente revolucionária escala axiológica: «*Ouve Israel: amarás ao Senhor teu Deus com toda a tua mente, com toda a tua alma e com toda a tua existência*» - e acrescenta o Senhor - «*e ao próximo como a ti mesmo*».

É a absolutez da mensagem que garante sua (des)proporção à própria capacidade do homem. Claro, entramos no terreno do paradoxo. Essa (des)proporção evoca necessariamente a ação divina, a Graça que complementa, aperfeiçoa e anula o impossível de cada questão, porque «*o que é impossível para os homens é possível para Deus*».